



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FASA – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO

Henrique Shigueo Shinzato
RA: 2034449-9

NARCISISMO E TELEJORNALISMO

BRASÍLIA
MAIO, 2006



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FASA – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO: JORNALISMO

ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO

NARCISISMO E TELEJORNALISMO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Severino Francisco

Henrique Shigueo Shinzato
RA: 2034449-9

BRASÍLIA
MAIO, 2006

HENRIQUE SHIGUEO SHINZATO

NARCISISMO E TELEJORNALISMO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BRASÍLIA, 25 DE MAIO DE 2006

APROVADO EM

BANCA EXAMINADORA

Prof. Severino Francisco

Orientador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira

Prof^a. Lícia Marques

Este trabalho é dedicado à minha família e amigos, pelo apoio, carinho, compreensão, atenção e paciência. Dedico também aos professores e funcionários do curso de comunicação do UNICEUB, pelo reconhecido esforço.

À minha misia,
com todo o meu amor.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.

Vinicius de Moraes

RESUMO

Freud formulou o conceito de *narcisismo primário*, que diz respeito à criança e à escolha que ela faz de sua pessoa como objeto de amor. O amor não correspondido pode voltar para a própria pessoa, que, por sua vez, recai ao do *narcisismo secundário*. Na relação Telejornalismo e Narcisismo, o *poder* pode desencadear um processo narcísico. O *viver por procuração*, adotado pela jornalista Ana Paula Padrão, seria a experiência concedida por delegação aos protagonistas dos fatos reais – no caso, apresentadores de telejornais, tal experiência ajuda a desencadear o processo do desenvolvimento da sublimação, no sentido da dependência narcísica do eu, que aparece em atividades artísticas e intelectuais.

PALAVRAS -CHAVE: “Narcisismo”, “Telejornalismo” e “Ana Paula Padrão”.

ABSTRACT

Freud formulated the concept of primary narcissism relating it to children and the fact that at a certain stage of psychologic development they choose themselves as the object of libido fixation. According to this, further on in life, love that is not corresponded can return to oneself in the form of secondary narcissism. When we take telejournalism and narcissism in consideration, it is possible to observe that power can unveil a narcissistic process. The formula of living by proxy, adopted by the journalist Ana Paula Padrão, can be defined as an experience of granting the protagonists of the real events, in this case - anchormen and anchorwomen - with authority. This sets off the process of sublimation, in a sense of a narcissistic dependance on oneself, which appears in intelectual and artistic activities.

KEY WORDS: "Narcisismo", "Telejornalismo", "Ana Paula Padrão".

SUMÁRIO

Introdução.....	11
-----------------	----

Primeira Parte

Cap. I Narcisismo

O Mito.....	13
Narcisismo e Psicanálise.....	14
Ideal do Eu.....	16
A Psicologia do self.....	17

Segunda Parte

Cap. II Telejornalismo Narcisista

Da relação de Poder.....	22
Telejornalismo e Interferência.....	23
A Base do Ver e Ser Visto.....	24

Cap. III – Caso Ana Paula Padrão

Da Estética à Perfeição.....	27
Da Mediação ao Ego Ideal.....	29
Da Performance à Cristalização (Narciso em Flor).....	31
Conclusão.....	35
Bibliografia.....	37

INTRODUÇÃO

A idéia de elaboração do estudo foi baseada em observações ao longo do curso de comunicação, nos debates em sala de aula e discussões por meio de textos e livros. Os problemas que circundam o jornalismo, apresentando várias facetas em constantes mudanças, requerem novas soluções, pois com a “ajuda” das novas tecnologias se tornam cada vez mais complexas. Assim visto no comportamento do público e dos profissionais do telejornalismo.

O estudo “Narcisismo e Telejornalismo” tem como proposta explicar a demasiada exposição de jornalistas, que podem confundir o papel de informar com a transformação em celebridade. Para estabelecer este processo, seguimos os ensinamentos de Sigmund Freud, Heinz Kohut e outros psicanalistas que se ocuparam, também, analisar o narcisismo, não só como uma doença, mas, também, como uma característica encontrada no inconsciente de todas as pessoas, e mais facilmente vista em pessoas que tenham uma certa notoriedade no meio social.

Nada melhor para a discussão de um dos canais do nosso meio: o Telejornalismo, que diante das teorias modernas, valorizando cada vez mais a visualidade, se torna mais propício para o aparecimento do narcisismo. Neste caso, procuramos mostrar a forte valorização dos aspectos supérfluos dos jornais televisivos diante da exposição da informação, da postura do apresentador até o cenário do jornal.

No decorrer do trabalho, as perguntas se tornaram múltiplas, quando se cruzavam as características do narcisismo com as vantagens e dificuldades de se fazer um telejornal diário. O caso escolhido foi da apresentadora do SBT Brasil Ana Paula Padrão, que chegou à emissora na segunda metade de 2005 com um status de artista e “carta branca” na produção do programa e formação da equipe.

Ana Paula é usada como um exemplo, já que as teorias podem valer para outros apresentadores expostos na mídia. Contudo, ela preencheu o objetivo, pois se tornou e foi transformada em um ícone do telejornalismo, avaliada como um diferencial na tradução da notícia, seja na forma de falar ou agir diante da tela.

O trabalho também seguiu a análise de programas gravados do jornal, na qual foi levado em conta o estudo da mídia, que, a partir daí, tornou-se crucial para a identificação do problema, análise comparativa do narcisismo e no processo de conclusão do estudo.

Enfim, foi traçado um caminho, começando com as observações de Freud, passando pela identificação de um telejornalismo narcisista e acabando no exemplo da apresentadora Ana Paula Padrão, com o objetivo de entender um dos muitos problemas mais grave do jornalismo moderno.

Cap I. Narcisismo

Do Mito

Antes de começar a traçar um panorama do narcisismo, é importante relatar o mito. Há numerosas versões tanto para o mito quanto para o estudo da psicanálise sobre o narcisismo. A mais conhecida está relatada em *As Metamorfoses*, por Ovídio (OVIDE, 1953), que conta a estória de Narciso, filho de Liríope, uma ninfa, que enlaçada na correnteza do Deus do rio, Céfiso, foi violentada por ele e, tempos depois, deu à luz uma criança muito bela.

Assim, logo depois do nascimento de Narciso, Liríope se consultou com Tirésias, o adivinho, para saber o futuro da criança. Tirésias previu que a vida e a sorte de Narciso seriam prósperas caso ele não se “conhecesse”, ou seja, não visse sua imagem refletida.

Motivo de cobiça, nenhum jovem e nenhuma jovem conseguiram conquistar Narciso, conhecido por sua beleza e por seu orgulho. Até que um dia, Eco, filha de Heros, a ninfa da voz sonora, o viu caçando e se apaixonou por ele. Narciso continuou indiferente, apesar do afeto demonstrado.

Eco teria sido envolvida como alvo da vingança de Hera, que estaria em fúria por causa dos seus truques para impedi-la de surpreender Zeus enquanto perseguia as outras ninfas entre as montanhas. Vingativa, Hera fez com que a ninfa conseguisse apenas repetir os sons e as palavras ouvidas.

Rejeitada por Narciso, Eco vivia escondida nos bosques e isolada do mundo dos vivos. O amor e a paixão que ela nutria por Narciso foram consumindo seu corpo até que restassem só a voz e os ossos. A voz permanecia viva, mas os ossos, com o tempo, foram tomando forma de pedra.

Quanto a Narciso, este foi punido pela sorte vingadora dos altaneiros pelo seu orgulho e pela sua vaidade. Cansado depois de uma caçada, aproximou-se de uma fonte límpida e brilhante para beber água. Naquele instante viu a imagem refletida na superfície. Narciso atribuiu a imagem a outra pessoa e acabou se apaixonando

por si mesmo. Sofreu um amor tão tenaz como aquele que Eco sentia por ele, e, assim, também foi se consumindo até a morte, mas por uma paixão ardente pela própria imagem.

As ninfas Náíades colocaram seus cabelos cortados numa tumba, mas o corpo de Narciso já tinha desaparecido. Acredita-se que os restos transformaram-se numa flor amarela – alaranjada, cujo coração é rodeado de pétalas brancas e é chamado pelas ninfas com o nome de Narciso. Assim, Narciso ajudou a dar um significado, a grosso modo, ao termo “narcisismo”, o amor por si mesmo.

Como Andre Green coloca:

“Retrato de Narciso: ser único, todo-poderoso pelo corpo e pelo espírito encarnado no seu verbo, independente e autônomo sempre que queira, mas de quem os outros dependem sem que ele se sinta portador em relação a eles do menor desejo. No entanto, residindo, entre os seus, os de sua família, de seu clã e de sua raça, eleito pelos signos evidentes da Divindade, feita à sua imagem. (...) Esta sombra do Deus é uma figura do Mesmo, do imutável, do intangível, do imortal e do intemporal”. (1988, p.55)

Narcisismo e Psicanálise

A idéia do estudo é estabelecer os traços narcisistas – benéficos ou não – que podem ser encontrados no meio do telejornalismo, além daqueles encontrados nos homens, e que podem influenciar na função básica do jornalismo, que é a de informar.

O estudo do narcisismo pela psicologia começa em 1887, como caso ligado ao fetichismo, pelo psicólogo francês Alfred Binet. Contudo, foi Sigmund Freud um dos maiores pensadores sobre o assunto no meio da psicanálise.

O psicanalista tomou nota, pela primeira vez mencionando o narcisismo, em 1910, em Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, quando numa clara intenção de relacionar o estudo – do narcisismo – com a homossexualidade. Para Freud, os homossexuais seriam os “invertidos”, e “que tomam a si mesmos como objetos sexuais” e, “partindo do narcisismo, procuram rapazes semelhantes à própria pessoa, a quem querem amar tal como sua mãe os amou”.

Este estudo acabou se tornando o balão de ensaio para Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, de 1914, também de Sigmund Freud. O destacado trabalho fala sobre as relações entre o ego e a libido objetal. Segundo observações de Freud, o

delírio de grandeza psicótico levava a uma definição do narcisismo: “a atitude resultante da transposição, para o eu do sujeito, dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.530)

Para o psicanalista, a libido seria uma quantidade limitada de energia do homem que poderia ser investida no mundo objetual ou em si próprio. Freud observou também que esse movimento de retirada só poderá ser produzido em um segundo tempo, e este precedido de um investimento dos objetos externos por uma libido proveniente do eu.

Com essas observações, Freud pôde constituir o “narcisismo primário”, ou infantil, e que diria “respeito à criança e à escolha que ela faz de sua pessoa como objeto de amor, numa etapa precedente à plena capacidade de se voltar para objetos externos”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.530) Mais do que isso, acredita-se que existe entre a libido do eu e a libido do objeto um movimento de gangorra: se uma enriquece, a outra empobrece e vice-versa. O estado amoroso é aquele no qual a libido do objeto encontra-se no auge do seu desenvolvimento. O processo contrário, aproximando-se do narcisismo, seria aquele em que a libido do eu, na sua expansão máxima, fundamenta a fantasia do fim do mundo no paranóico. Assim como vemos no mito de Narciso, Freud notou que uma pessoa apaixonada investe parte da energia libidinal no objeto do seu amor, que esta só poderá ser recuperada se o sentimento for correspondido, caso contrário, a auto-estima cai.

Uma frustração amorosa, por exemplo, causa a privação do ego, e, assim, a impossibilidade de satisfação. O amor não correspondido poderá voltar para a própria pessoa, e, desta forma, recaindo a um segundo processo, a do “narcisismo secundário”. Este processo apresenta um “novo amor feliz”, comparável ao amor de uma criança por si mesma e corresponde à condição primeira, na qual a libido objetual e a libido do ego não podem ser diferenciadas (narcisismo primário).

A diferença entre os dois tipos está na evolução do processo. No narcisismo primário, a primeira fase é destacada pelo auto-erotismo de uma criança, considerado, também, como estado inicial da libido. Para se ter uma segunda fase, é preciso haver uma ação psíquica, e provocar o desenvolvimento do narcisismo infantil. É o estágio definido como a superestima do poder do desejo e atos mentais, a onipotência do pensamento, a crença na força taumatúrgica das palavras e na magia como uma técnica para lidar com o mundo externo. Para Freud, as

características não são encontradas exclusivamente nas crianças, mas, também, nos esquizofrênicos e nos povos primitivos.

O indivíduo avançando do narcisismo primário para o amor objetal nunca investe toda a sua libido do ego no objeto. Mesmo durante o estado de paixão amorosa, uma certa quantidade do narcisismo permanece no ego. Freud presume que:

“no início do desenvolvimento do indivíduo toda a sua libido (todas as tendências eróticas, toda a sua capacidade de amar) está vinculada a si mesma – ou, como dizemos, catexiza o seu próprio ego. É somente mais tarde que, ligando-se à satisfação das principais necessidades vitais, a libido flui do ego para os objetos externos. Até então, não conseguimos reconhecer os instintos libidinais como tais e distingui-los dos instintos do ego. Para a libido, é possível desvincular-se desses objetos e regressar outra vez ao ego”. (1996, p.148)

Em outras palavras, a libido tem a capacidade de se transformar e introverter. Este estado de conversão posterior da libido objetal em libido do ego, que surge através da inundação das catexias objetais, é denominado como o narcisismo secundário. O narcisismo do Eu, como também é conhecido, “mantém-se como o resultado, manifesto na clínica da Psicose, da retirada da libido de todos os objetos externos”, contudo, “o Narcisismo Secundário não se limita a esses casos extremos, uma vez que o investimento libidinal do eu coexiste, em todo ser humano, com os investimentos objetais, havendo Freud postulado a existência de um processo de equilíbrio energético entre as duas formas de investimentos (...)”.(ROUDINESCO; PLON, 1998, p.532)

Assim, a inversão da libido direcionada a uma pessoa para o próprio ego consiste na transformação em narcisismo secundário, onde a libido não é repassada totalmente para o ego, e, sim, só uma parte.

Ideal do Eu

Com as definições de narcisismo, o mesmo estudo passou a introduzir o termo Ideal do Eu. Freud passou a usá-lo como um modelo de referência do eu. Seria um tipo de substituto do narcisismo perdido na infância e, também, como produto de identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais.

De acordo com a definição de Sigmund Freud:

“Esse ego ideal é o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, qual, como o ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor. (...) Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância, e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si mesmo como sendo o seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal”. (1969, p.111)

Então, o ideal do ego permanece em vigilância constante por parte da consciência, preservando a satisfação narcisista e sendo medido pelo cumprimento dos ideais. Já a consciência é apresentada como a voz crítica dos pais e do ambiente social, que constitui um obstáculo ou uma proibição vinda de fora.

A formação do ego ideal pode ser, em muitas vezes, confundida com a sublimação do instinto. Por um lado, o ego ideal precisa de um certo grau de sublimação – sem fortalecê-la –, pois ela continua sendo um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas o estímulo é executado de forma inteiramente independente.

Em outras palavras, a sublimação seria um processo que diz respeito à libido do ego que, como libido dessexualizada dirige-se no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual.¹ Assim, Freud decide usar o conceito de sublimação, dependente da dimensão narcísica do eu, para relacioná-lo com alguns tipos de atividade humana como a criação artística, literária, intelectual que não é associada à sexualidade, mas que usa a força da pulsão sexual, na medida que se direciona para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. A sublimação, para Freud, é um princípio de elevação estética comum a todos os homens, mas do qual só eram plenamente dotados os criadores e artistas.

A Psicologia do Self

Podemos também levar em conta o estudo do narcisismo Kohutiano no entendimento da formação do Ideal do Eu.

Admirador de Sigmund Freud, o psicanalista americano Heinz Kohut desenvolveu a escola da Self Psychology, como uma tentativa de inserir a psicanálise num contexto mais amplo, relacioná-la com a sociologia e história, e aproximando-a das necessidades do homem contemporâneo.

Para Kohut, “a psicanálise clássica descobriu o desespero da criança na profundidade do adulto – realidade do passado, a psicologia do self descobriu o desespero do adulto na profundidade da criança – realidade do futuro”. (1977/1988, p.83)

O Narcisismo nas teorias kohutianas adquiriu uma função de estruturação, do modo que possa, nas futuras etapas da vida, sofrer transformações úteis, tais como a empatia, sabedoria, criatividade, humor e aceitação de sua finitude.

Heinz Kohut observa que o narcisismo pode se transformar num fenômeno positivo, e que, por sua vez, segundo ele, é uma variante da evolução psíquica humana - paralela e independente da libidinal, e em vez de ser substituída pelo amor objetual deveria ser guiada para um narcisismo transformado, socialmente útil (provando que não é a mais primitiva e menos adaptativa das duas formas de distribuição da libido).

Assim, o termo self é o elemento mais importante nas teorias de Heinz Kohut e pode ser definido como a imagem que o indivíduo tem de si mesmo. É composto de estruturas entre os quais constam o ego, o id, o superego e inclusive a imagem do corpo. Em outras palavras, o self determina a personalidade total, é a consciência de si, a experiência de se sentir e de se ver a si próprio. O self delimita a dimensão narcísica do indivíduo, sendo uma representação de si por si mesmo e um auto-vestimento libidinal.

Então, para que o Self se desenvolva de maneira correta, é preciso passar por três estágios, durante os quais as experiências dos fragmentos corpo-mente isolados possam se aglutinar aos poucos e, assim, finalizarem numa experiência de um self total – da consciência de si mesmo como um ser psíquico e físico.

A primeira, chamada de experiência de partes e funções parciais, e equivalente ao auto-erotismo, é aquela na qual tem noção apenas das partes corporais e das funções isoladas. Na Segunda experiência, das configurações coesivas, psicologicamente aperfeiçoadas, é o narcisismo primário de acordo com a hipótese kohutiana. A terceira, e última fase, culmina na formação do self nuclear, total e coeso, e que desenvolvido corretamente, todos os elementos corpo-mente

uma unidade só, com harmonia e não apenas constroem o self, mas se desenvolvem dentro dele.

O desenvolvimento errado do self, por transtornos ocorridos na infância, poderá transformá-lo em um self fragmentado, causando, assim, os transtornos narcísicos da personalidade – equivalente ao narcisismo secundário ditado por Freud.

Porém, este processo poderá sofrer transformações úteis, culminando na auto-estima madura.

“Tanto no setor de suas ambições quanto no de seus ideais, o self não busca o prazer através da estimulação e da descarga de tensão, o self procura satisfação através da realização de suas ambições e de seus ideais nucleares. Sua satisfação não dá prazer, como acontece na satisfação do impulso instintivo, mas sim triunfo e o brilho da alegria. E seu bloqueio não desperta o sinal de angústia (...), mas o pressentimento de desespero (por exemplo, da vergonha ou da depressão vazia – desespero antecipado pelo esmagamento do self e pela derrota final de suas aspirações). O Homem Trágico não teme a morte como punição simbólica (castração) pelos proibidos objetivos de prazer (como acontece com o Homem Culpado); teme sim, a morte prematura, morte que impede a realização dos objetivos de seu self nuclear. E, à diferença do Homem Culpado, o Homem Trágico aceita a morte como parte da curva de sua vida satisfeita e satisfatória”. (KOHUT, 1985, pp.138-139)

Kohut também introduz outros dois conceitos importantes para o estudo do narcisismo: a imago parental idealizada e o self grandioso.

O primeiro é associado à idealização – um aspecto original do narcisismo como a bem-aventurança, poder, perfeição e bondade – que o bebê projeta na figura parental e aos quais se agarra como fontes de gratificação. Assim, a imago parental idealizada é uma instância pulsional anterior do ideal do eu, onde se transporta o imaginário exibicionista da criança.

Durante o desenvolvimento psíquico, a criança passa a ser mais realista durante a avaliação do objeto idealizada, e, deste modo, é o desapontamento que faz com que ela retire as “catexias narcísicas” idealizadas da imago objetal e as internalize gradualmente.

Numa situação anormal, isto é, caso o relacionamento com o objeto internalizado seja perturbado ou sofra um desapontamento traumático – intenso e repetitivo e inadequado à fase do desenvolvimento psíquico – a criança poderá não

desenvolver uma estrutura interna necessária, mas, contudo, formará dois mecanismos protecionais – uma imagem exibicionista e grandiosa do self, a imago parental idealizado, na tentativa de salvar a experiência original de perfeição.

O psicanalista americano vê que o ego experimenta, de uma forma, a influência do ideal do ego. Afirma, ainda, que “o homem é conduzido por seus ideais e empurrado por suas ambições. E diferentemente da imago parental idealizada, que é reverenciada, admirada, procurada e imitada, o self narcísico quer ser olhado e admirado”. (KOHUT, 1985, p.15)

A existência de um arco de tensão na criança quer ser olhado e admirado, constituído pela imago parental idealizada, onde residem os ideais, e pelo self grandioso, na esfera das ambições. Entre os dois, permanece o ego com as habilidades, capacidades e talento. Kohut afirma:

“Nossos ideais são nossos guias internos, nós os amamos e aspiramos a atingi-los. Os ideais são capazes de absorver grandes quantidades de libido narcísica transformada e, assim, de reduzir tensões narcísicas e a vulnerabilidade narcísica. Se o investimento instintivo que o ego faz no superego permanecer insuficientemente dessexualizado (ou tornar-se ressexualizado), o resultado será o masoquismo moral, condição e que o ego pode chafurdar num estado de humilhação toda vez que não consegue viver de acordo com seus ideais. Mas o que geralmente ocorre é que o ego não experimenta um sentido de estar ferido narcísicamente quando não consegue atingir seus ideais: mais exatamente, experimenta uma emoção semelhante à de nostalgia”. (1985, p.15)

Já o self grandioso pode ser definido como imagem onipotente e perfeita que a criança tem de si mesma, oposto à imago parental idealizada, uma representação dos pais, ou seja, do outro. Kohut observa que a existência desta unidade, durante um certo tempo, é imprescindível ao desenvolvimento da estrutura do self. No decorrer do tempo, o self grandioso, gradualmente, e com o apoio dos pais, vai se transformando em auto-estima, autoconfiança e em ambições próprias, caso contrário, ele – o self grandioso – persistirá em se desenvolver em um transtorno narcísico da personalidade.

Para regressar a um narcisismo dito “normal”, é preciso fazer por meio de transferências narcisistas, por meio da empatia e da introspecção, fazendo com que o sujeito, depois das transferências, se transforme em um *self coeso*. O processo poderia ser comparado ao trabalho de um analista quando é sentido pelo paciente

como fazendo parte de si mesmo, como uma extensão dele, assim como no processo de criação intelectual, e a função do analista pode ser desempenhada pelos textos – à procura do reconhecimento.

Há dois tipos de transferências: a idealizadora e a especular. Cada uma depende da instância ativada, como, por exemplo, a transferência idealizadora ativa a imago parental idealizada – provocando um fortalecimento da matriz do ego e o reforço dos ideais do paciente. A transferência especular trata do self grandioso – na revivência da fase de desenvolvimento do self grandioso, na parte quando a criança tenta reter parte do narcisismo original e a perfeição original, atribuindo todas as imperfeições ao exterior.

Posteriormente, devemos observar os pontos narcisistas no telejornalismo, com a relação ao poder, interferência e à nova associação com a imagem.

Cap II.

Telejornalismo Narcisista

Da relação de poder

Como é proposto por Muniz Sodré, em *Televisão e Psicanálise*: “seria, entretanto possível escutar de maneira diferente a lenda de Narciso?” (2000, p. 20) Para ele, é possível, desde que se permita a autonomia dos sistemas ilusórios, na produção de seus efeitos, na busca das verdades através de sistemas de sujeito da consciência ou do inconsciente. Assim, Narciso pode, também, ser considerado como aquele que mata a verdade de si mesmo – no real – e morre em sua própria imagem, o seu duplo.

Matar a verdade e cair em si na realidade são as relações precisas para que se tenha a influência do ego, alimentando, assim, a vontade narcísica.

Uma das formas que podem desencadear o processo narcísico – criando um cenário propício para tais experiências – é o poder, no caso do jornalismo, os poderes delegados a ele: o de fiscalizar e o de informar. Segundo Luiz Martins da Silva, em *Imprensa e Poder*, “virtualmente, a imprensa exerce, por delegação da sociedade e cidadãos, o poder de fiscalizar os outros poderes, o que significa, por excelência, a tarefa de dar visibilidade à coisa pública. Ora, a visibilidade é uma condição da democracia” (MOTTA, 2000, p.48), e para exercer essa tarefa é preciso que ela seja íntegra, “sob pena de perder a sua essência e também a sua sobrevivência”. (MOTTA, 2000, p. 50)

O jornalismo é uma ferramenta – delegada – do coletivo, confiada pela sociedade, na fiscalização dos outros poderes – por isso o termo Quarto Poder –, e, assim, sem espaço para desvirtuamento do foco da missão, sem se deixar influenciar pelos outros poderes, incluindo o poder econômico, e por interesses alheios à sociedade.

Mas tais interesses poderiam ser individuais e narcísicos? Kohut volta a afirmar que “o homem é conduzido por seus ideais e empurrado por suas ambições”. (1985, p.15)

Telejornalismo e Interferência

Guilherme Jorge de Rezende, em *Telejornalismo no Brasil*, ressalta que o “telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia (...) É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação”. (2000, p.24)

Rezende afirma também que é até provável que o telejornalismo não esteja cumprindo “satisfatoriamente” essa missão social, pois estaria atrelado aos objetivos econômicos e políticos das grandes empresas de comunicação.

A situação é tão crucial quanto preocupante, pois poderiam envolver questões, por exemplo, de definição do que é de interesse público, que influem na vida do cidadão, no cumprimento da lei, da moral e dos bons costumes, e do que é do interesse do público, focadas nas atividades públicas, oriundas da sociedade civil e do mercado, e nem por isso descompromissada legal e eticamente.

Assim, para Luiz Gonzaga Motta, este processo de seleção de notícias não se restringe ao ato de decidir o que vai e o que não vai ser publicado, podendo, desta forma, ser examinados por fatores objetivos e subjetivos:

“de fato, a seleção da parte do real que vai sair no jornal do dia seguinte ou no telejornal da noite começa desde a elaboração da pauta, passando pela escolha das fontes, pelos cortes que os repórteres fazem da realidade, pelas prioridades atribuídas, pelos ângulos de cada matéria, pela forma como o real é submetido ao texto, pelos cortes, enquadramentos e ênfases subseqüentes dos diagramadores e dos editores, num processo complexo e sujeito, em todo o seu percurso, a pressões e a condicionamentos políticos, ideológicos e econômicos”. (2000, p.125)

Mas como tudo na vida social é uma questão de administração da impressão, nosso mundo é um mundo de aparência visível, e vivemos numa cultura em que ela – a aparência – é a realidade, o que pode criar uma certa consciência da passividade.

Roger Silverstone, em *Por que estudar a Mídia?*, também observa que “o pressuposto é que, em algum sentido, o espectador de televisão e o ouvinte de rádio

(e não apenas o leitor de jornal) são ativos; de que ver, ouvir, e ler requerem algum grau de comprometimento, algum tipo de escolha, de conseqüência (...) é que nos aproximamos de nossa mídia como seres conscientes (...) os significados por nós produzidos que envolvem nossa mídia, que podem exigir ou depender dela, são significados como outros quaisquer e produto de nossa capacidade, como seres sociais, de ser no mundo”. (2002, p.111)

Desta forma, o material jornalístico da televisão apresenta uma série de fatores que influem na elaboração, edição e divulgação do mesmo, em condições, às vezes, adversas ao dever do jornalismo, além de possibilitar, por sua estrutura, a visibilidade de algo ou alguém além da notícia, notadas ou não pelos telespectadores.

A base do ver e ser visto

O efeito primeiro da televisão, aplicando às mídias em geral, é trazer à visibilidade algum ponto do mundo em que ele deve ser visto, como determinação do visível. Em *Poder no Jornalismo*, de Mayra Rodrigues Gomes, este processo “diz respeito ao espetáculo e o espetáculo atrela-se a cena. Quanto a esta, há sempre um *maquiamento*, ainda que metafórico, para que possamos entrar em cena e conviver com o cenário que nos é colocado”. (2003, p.75)

O formato espetacular, comum às emissões de ficção e de realidade, é capaz de magnetizar a atenção do público. O espetáculo acaba se destinando à contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes, muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico.

Assim, a mensagem que nos é passada, multidimensional e multissensorial, tende a atuar com mais intensidade, repercutindo quase diretamente na nossa afetividade, sem passar pela mediação do intelecto. Na comunicação audiovisual, desta forma, predomina a sensação sobre a consciência, a emoção sobre o racional.

“a TV suplanta os demais veículos de comunicação, porque, além dos códigos lingüísticos e sonoro (disponíveis também no rádio), utiliza o código icônico como suporte básico de sua linguagem. Por causa disso, as produções televisivas privilegiam, às vezes em excesso, a força expressiva da imagem, inclusive nos programas jornalísticos. A primazia do elemento visual requer a aplicação

eficiente de recursos não-verbais para atrair e manter constante o nível de curiosidade do telespectador”. (REZENDE, 2000, p.24)

O autor chama essa condição do telespectador de *participação por procuração*, que o coloca na função alienante do espetáculo da realidade-ficção.

Este estado nega o valor da Televisão como um prisma – no ponto de vista ilusório – mas, sim, o transforma como um espelho, isto é, o lugar onde a identidade original do sujeito dá lugar à imagem, ao simulacro.

Portanto, “trata-se das identificações com o *eu ideal* (heróis, personagens excepcionais ou prestigiosos) e com o *ideal do eu* (figuras parentais e autoridade, objetos de amor, ideais coletivos) ou ainda com o *superego*, instância interditora que representa internamente tanto as proibições parentais como as tradições e os valores geracionais”. (SODRÉ, 2000, p.51)

Assim, o telespectador pode identificar-se, também, com a sua imagem especular ou com o semelhante a si no “espelho”, além de estar plenamente suscetível a estabelecer uma identidade com os ideais e modelos destacados pela visibilidade.

O mesmo formato espetacular da realidade-ficção, Rezende define também o *viver por procuração*, que seria a experiência concedida por delegação aos protagonistas dos fatos reais – ou seja, jornalistas, no caso, apresentadores de telejornais e repórteres – ou da ficção, que seriam os atores de filmes e novelas.

Pois, como os atores e políticos, os repórteres e apresentadores de telejornais acabam também dividindo a vida em dois: entre a figura pública, mostrada na TV, e a privada, em casa com a família. Este processo ajuda no desenvolvimento da sublimação, no sentido da dependência narcísica do eu, que aparece em atividades artísticas e intelectuais, já relatada no capítulo anterior, que usa a força da pulsão sexual em objetos socialmente valorizados. Para Freud, a sublimação é um princípio da elevação estética, encontrada nos criadores, artistas e escritores, e, neste sentido, hoje no telejornalismo (na figura dos repórteres e apresentadores) na valorização estética da imagem.

“A primazia do elemento visual requer a aplicação eficiente de recursos não-verbais para atrair e manter constante o nível de curiosidade do telespectador” (REZENDE, 2000, p.24), que pode ser vista como a valorização da arte de um jornal até a postura de um apresentador.

Observaremos, no próximo capítulo, o que pode ser o reflexo do narcisismo durante a criação de uma identidade da jornalista Ana Paula Padrão para o público, através do critério estético, da mediação, e da performance.

Cap III. Caso Ana Paula Padrão

Da Estética à Perfeição

Todo telejornal precisa ter um bom apresentador. Seria um profissional da locução, que recebe os textos do programa preparados pelos editores e os lê diante das câmeras. Dita o ritmo e a entonação. Para mostrar compreensão da notícia, a voz limpa e a empostação adequada são fatores que adicionam ao apresentador uma maior credibilidade. (CURADO, 2002)

Como tudo na TV, o telejornalismo usa o atrativo físico como um atributo que influi no comportamento dos outros. A sociedade aceita mais facilmente, segundo Guilherme Acosta-Orjuela, em 15 motivos para “ficar de olho” na televisão, as pessoas fisicamente atraentes, pois são mais promovidas no trabalho, têm mais sucesso nos empreendimentos e são mais agradáveis, amistosas e flexíveis.

Para o autor, “embora a aparência física influencie em maior ou menor grau a cada pessoa, sabe-se por experimentos que, dependendo das circunstâncias e usando os mesmos argumentos, os comunicadores fisicamente atraentes conseguem convencer mais as outras pessoas das suas opiniões que os não atraentes”. (ACOSTA-ORJUELA, 1999, pp.77-78)

Além disso, a possibilidade do apresentador falar diretamente com o telespectador, por intermédio do *teleprompter*, reforça a idéia de intimidade, uma estratégia narrativa fundamental para igualar as imagens transmitidas via telejornalismo àquelas que cotidianamente fazem parte do mundo do telespectador. (BRITTOS, 2005)

Alguns apresentadores se destacam por essa credibilidade adquirida pela política estética do telejornalismo moderno. O nosso exemplo é a jornalista Ana Paula Padrão, apresentadora do telejornal SBT Brasil, do canal SBT.

Com requisitos que preencheram o chamado *padrão Globo de jornalismo*, emissora onde trabalhou entre 1987 e 2005, seu perfil foi construído, seguindo o modelo estético da TV, para associar a simpatia, o caráter, a elegância, a

confiabilidade, além do refinamento e sofisticação. (ACOSTA-ORJUELA, 1999, pp.77-78) Notamos que essas “qualidades” são transmitidas, pela apresentadora, de acordo com o seu comportamento refinado frente às câmeras, realçado pelas gesticulações das mãos, ostentadas com anéis de ouro, vistas durante suas apresentações, até ao uso de roupas finas e elegantes, ainda que em ocasiões não propícias, como em reportagens tensas.

Em julho de 2000, por exemplo, Ana Paula cobriu as dificuldades da população afegã diante do regime Talibã, no Afeganistão. Em um cenário de extrema pobreza, regido por um poder fundamentalista instalado na década de 90, a apresentadora, na função de repórter especial, se vestia com o tradicional véu usado pelas mulheres mulçumanas, mas de uma vistosa cor azul, se diferenciando dos habituais véus de cores escuras e opacas. Portando também um belo par de óculos-de-sol, que não era de uso habitual na região, passamos a notar que a jornalista é vista como o padrão feminino ocidental – pólo positivo, o avanço – se sobressaindo diante do padrão feminino daquela realidade – pólo negativo, o atraso. Do ponto de vista jornalístico, a estética passa a funcionar como um temível canal de juízo de valores – mesmo não sendo essa a intenção –, pois as vestimentas influem no valor da reportagem, passando de uma denúncia para uma relação exótica e diferente entre ocidente e oriente.

Quanto à apresentação dos telejornais, observamos que este fator não agrega em nada na qualidade da informação. A apresentadora apenas traça a sua marca e “ressalta” sua credibilidade, seguindo esse padrão estético, junto à sociedade. As roupas requintadas e os acessórios supérfluos só têm valor de estetização vazia, e não determinam, ou reforçam, a competência de quem faz o jornalismo. Mas a credibilidade conquistada nesse parâmetro traçado pelo telejornalismo moderno culmina em mais liberdade, visibilidade e reconhecimento.

Em meados de agosto de 2005, Ana Paula Padrão assumiu a apresentação do jornal SBT Brasil, na tentativa de retornar os serviços jornalísticos daquele canal. Numa entrevista à Folha Online, do dia 03/07/2005, a apresentadora conta que irá “tentar inovar na linguagem. Os telejornais hoje são duros, não estabelecem identidade com o telespectador. Os textos têm de ser mais diretos, os repórteres, vistos como pessoas. Além disso, o SBT não tem compromisso político e comercial com ninguém. O Silvio Santos é independente. O sonho de todo jornalista é trabalhar com liberdade editorial completa. No SBT, dependo do meu bom senso e

não preciso consultar ninguém. Toda grande rede tem um determinado compromisso, seja de ordem política, religiosa ou econômica. Aqui não”.

Ana Paula nos apresenta um telejornal totalmente independente, um jornalismo em sua total perfeição, mas observamos que a “estória” não é bem assim. Inegavelmente a apresentadora acabou ganhando mais liberdade para definir posturas editoriais, evitadas na emissora anterior, além de mais visibilidade: agora comanda um jornal em horário nobre, deixando as madrugadas à frente do Jornal da Globo. Mas será que nele pode existir uma independência política e – ou – econômica?

Notamos que o SBT Brasil tenta montar uma identidade mais popular, seguindo a *própria política do canal*, passando a dar mais ênfase a matérias de esporte, curiosidades e, principalmente, voltadas à violência urbana, em sua maioria na grande São Paulo. Em programa exibido no dia 23/05/2006, por exemplo, Ana Paula apresentou como manchetes principais: o medo dos vizinhos de presídios no estado de São Paulo, onde há células criminosas do P.C.C., e o assassinato do funcionário de uma multinacional, resultado de uma banal briga de trânsito na capital paulista. A maioria dos telejornais de cobertura nacional destacava o depoimento da advogada do suposto líder do PCC na CPI do Tráfico de Armas e as dificuldades encontradas pelo governo federal em anunciar um pacote agrícola para acalmar o setor em crise.

Quanto ao fator econômico, é observado algo mais gritante. O telejornal costuma apresentar um anunciante, ainda dentro da sua curta grade. Geralmente, ao final do segundo bloco – são três ao total –, um narrador diz: “Você está assistindo ao SBT Brasil, com Ana Paula Padrão. Este programa é oferecido por Tramontina”. Assim podemos notar que o telejornal sofre a interferência desses dois fatores, e a perfeição proposta pela apresentadora passa a ser transferida para as ações diante da câmera, como na mediação dos fatos e sua performance.

Da Mediação ao Ego Ideal

A liberdade de reflexos – na apresentação de matérias e informações – faz com que a apresentadora se veja proximamente ligada a eles, não conseguindo se separar de tais reflexos. As roupas e o comportamento diante das câmeras

ressaltam essa proximidade, ajudando no processo da credibilidade, uma relação de confiança entre apresentadora e telespectador.

Vimos que Ana Paula Padrão usa dessa liberdade e credibilidade para enfatizar matérias corriqueiras, como se tivessem um fator maior, e, desta maneira, podendo não dar um verdadeiro valor e peso às informações. Em programa do dia 25/05/2006, o telejornal apresentou a seguinte escalada, nessa ordem: organizações criminosas operam em presídios de Vitória (ES), parentes de presos de São Paulo protestam, a comunicação entre os presos via-celular, salas de aulas de uma escola pública de Belém (PA) usam grades como portas, advogado do líder do PCC é preso em depoimento na CPI (principal matéria na cobertura nacional), três cães da raça pit bull matam uma pessoa em Minas, a preparação da seleção brasileira na Suíça e um gandula se torna celebridade durante um treinamento da seleção.

Seguindo essa escalada, a informação do advogado preso e algemado na CPI não teve tanto peso nesse dia, colocado entre a matéria das salas gradeadas e a chamada para o ataque dos cães em Minas, principal matéria do segundo bloco. Notamos, também, que a apresentadora usa reações diferentes para cada informação: a) tons irônicos e comentários de pouca importância para o que acontece na política. b) E espanto e indignação nas matérias de violência urbana, reforçando o tom popular do programa. O SBT Brasil também não possui uma certa organização editorial: mistura, por exemplo, informações políticas com cotidianas, economia com esporte ou internacional, confundindo ainda mais o telespectador, que acaba se fixando na figura da apresentadora.

Observamos que a mediação implica no movimento de significado de um texto, discurso ou evento, para o outro, mas, também, na constante transformação de significados, em grande ou pequena escala, importante ou não, à medida do comportamento da mídia de acordo com a colaboração do público do telejornal.

“A circulação de significado, que é a mediação, é mais do que um fluxo em dois estágios – do programa transmitido via líderes de opinião para as pessoas na rua (...) Os significados mediados circulam em textos primários e secundários, através de intertextualidades infundáveis, na paródia e no pastiche, no constante replay e nos intermináveis discursos, na tela e fora dela, em que nós como produtores e consumidores (...) usamos os significados da mídia para evitar o mundo, para nos distanciar dele, dos desafios talvez impostos pela responsabilidade e pelo cuidado, para fugir do reconhecimento da diferença”. (SILVERSTONE, 2002, p.34)

Assim, Silverstone coloca a dificuldade epistemológica da relação nas compreensões da mediação, pois, eticamente, é exigido elaboração de juízos sobre o exercício do poder neste processo. Logo, a mediação pode se tornar uma tradução, “nunca completa, sempre transformativa, e nunca, talvez, satisfatória”. (2002, p.34)

Notamos que o telejornal usa o “constante replay” e os “intermináveis discursos”, enfatizando a violência corriqueira, e criando uma dificuldade maior no cumprimento da função do jornalismo, na fiscalização dos poderes. O SBT Brasil opta em valorizar as matérias de interesse do público em vez daquelas de interesse público.

Vimos que o “replay das informações” traduzidas pela jornalista Ana Paula Padrão, se transfere, também, para o desejo de fixar esse reflexo, que nunca é completo, e pode se transformar, ao mesmo tempo, num desejo de onipotência, de capacidades ilimitadas, e, desse modo, o narcisismo influi na ética do trabalho. Da parte da apresentadora, é observada a relação entre o espelho e o objeto, o meio do conhecimento apresentado por ela é uma passagem para o outro mundo, ou seja, ela se multiplica no espelho – uma metáfora para as informações – e se vê por toda a parte. É um processo em que é desencadeada a onipotência, e, assim, torna-se cada vez mais narcisista. É a figura refletida do ego ideal, pois se acha possuída de toda a perfeição de valor, sem se ver perturbada por terceiros ou pelo seu próprio julgamento crítico. Ela pode sair do pressuposto de que acredita no jornalismo, e só no jornalismo, portanto, crê só nela própria. Ana Paula usa também outro modo para destacar essa continuidade discursiva: a performance.

Da Performance à Cristalização (Narciso em Flor)

Vivendo em uma sociedade cada vez mais conformada pela mídia, que dita valores, aparências e modos de vida. É preciso uma percepção do social mais apurada. Com isso podemos, em alguns pontos, observar a diferença ontológica entre verdade e falsidade, pois todas as apresentações na mídia são, de uma certa maneira, representações enganosas. A mídia, por meio das suas peças, pode reiterar o que poderia ser apenas um ponto da civilidade, conferindo, facilmente, o que poderia ser visto apenas como meramente superficial.

A apresentadora Ana Paula Padrão consegue plantar esse artifício em seu telejornal. Por meio dos gestos das mãos e olhares, a jornalista consegue estabelecer com o público um outro meio para se comunicar: em matérias mais tensas, movimentos mais bruscos com as mãos e olhares mais fixos frente às câmeras, e em matérias mais brandas, movimentos suaves e olhares mais abertos. Ela usa essas formas para demonstrar as matérias que, no seu entendimento, merecem mais destaque ou não. Por exemplo, no programa do dia 26/05/2006, durante o terceiro e último bloco do telejornal, a informação de que a Câmara Legislativa dos Estados Unidos da América foi evacuada, pois se suspeitava que tivessem ouvido tiros na garagem do parlamento, ganhou da apresentadora um comportamento de espanto e surpresa. Em seguida, o tom de ironia, com gestos mais relaxados, ganhou espaço na rebatida do candidato à presidência do Brasil pelo PSDB, Geraldo Alckmin, ao comentário do presidente Lula, de que se entrar na disputa à reeleição será o mesmo “Lulinha Paz e Amor” da última eleição.

Podemos notar também que a apresentação de um jornal como o SBT Brasil, montado em um cenário transformado em palco, com cores de tons chamativos – o azul, o branco e, em destaque, o vermelho para o dourado –, além de uma pequena redação à mostra dos telespectadores, com um certo ritmo de encenação, influi e ajuda para que as notícias ganhem uma certa maquiagem.

Outro ponto observado é a maneira como a apresentadora “recebe” o telespectador em seu telejornal: em pé, de corpo inteiro, diante das câmeras. Ou, ainda, entre os funcionários que estão na “redação” montada no cenário. Assim, Ana Paula pretende usar este processo como mais uma forma de entrar na intimidade do seu público. A intimidade não como forma de ligação direta, mas para estabelecer uma maior confiança – fundamental para a credibilidade – entre quem oferece a notícia e quem recebe. “Seja bem vindo. Agora veja as principais notícias de hoje”. Definimos esses processos como o ato da performance.

Silverstone aponta alguns pontos que ajudam a traçar a performance: “a primeira é que toda ação é comunicação. A segunda é que a performance quase sempre implica idealização do reflexo. A terceira é que o sucesso de uma performance na vida diária, como nos espaços delimitados do palco e da tela, depende da aceitação de um público”. (2002, p.132)

Observamos que o telejornal, montado nas bases do “interesse do público”, possui um telespectador passivo. A vida moderna possibilita e encoraja a

emergência de uma vida privada mais pública. A intensificação desses comportamentos performativos, usados pela apresentadora, os quais criam tanto o social e o individual e possibilitam ao *performer* não só apresentar-se para o outro, mas revelar-se a si mesmo – é um ato essencialmente reflexivo. Logo, a pós-modernidade trouxe a apropriação pessoal do cerimonial, além de estabelecer uma identidade em um cenário, e várias em cada apresentação de informação.

Nessa identidade paralela estabelecida pela jornalista, notamos uma de suas marcas registradas: a virada na hora da troca de câmeras. Observamos que sempre em um momento do telejornal, a apresentadora se dispõe a mover-se com todo o tronco para outra câmera. Essa ação pode se tornar uma condição com o objetivo de chamar a atenção para algum fato importante, ou não, mas, essencialmente, ela chama o público para ser notada. Assim, é apresentado outro fator de interferência na notícia.

A apresentadora, seguindo essas posturas, se presta a modelar uma imagem de si mesma, como na procura do “eu” no mundo, percorrendo o caminho do autoconhecimento. Ela se apresenta de forma narcisista, pois a fixação do reflexo nunca é completa, já que a intensidade das informações – na forma de um “replay” – é uma continuidade sem fim e, assim, não a ajuda na formação da sua identidade como *self coeso*, total, ao contrário, o self se torna fragmentado, podendo fazer com que as notícias sofram interferências por causa da conduta de personalidade criada no instante da mediação das informações.

Os atos e gestos construídos durante a mediação pela apresentadora são performativos no sentido da criação de identidades, ou seja, “são fabricações manufaturadas e sustentadas por sinais corporais e outros meios discursivos”. (BUTTLER, 1990, p.136) Observamos que a mediação, por meio de uma performance trabalhada, ajuda a fazer com que a apresentadora projete “algo de si próprio”. “*Projetar é transmitir a outro ou à argila algo de si próprio*”. (PEREIRA, 1976, p.140) Como simples reflexos de sua própria personalidade, a argila seria as matérias apresentadas por ela, representando seus desejos e opiniões, mesmo por gestos ou por ações performativas. Freud explica, por meio do *principio da elevação estética*, que este é um recurso da sua fantasia, como meio de receber gratificação narcísica para sua própria pessoa. Um possível sentimento de culpa pode deslocar o seu narcisismo para a argila, para sua criação. É o que a diferencia das pessoas comuns, pois o trabalho lhe dá mais gratificação e mais prazer.

Desta forma, o narcisismo se torna um jogo de fuga e cristalização. Por meio do trabalho, a vontade de Ana Paula pode ser a de eternizar-se, mas ao mesmo tempo teme a irremediável fixação, e nem sempre se reconhece nela. "Narciso atribuiu a imagem à outra pessoa e acabou se apaixonando por si mesmo. Sofreu por um amor tão tenaz como aquele que Eco sentia por ele, e, assim, também foi se consumindo até a morte, mas por uma paixão ardente pela própria imagem". Ana Paula pode, desta forma, apresentar a vontade de criar o próprio mito, e, ao mesmo tempo, de se cristalizar nele, como, segundo a lenda, no exemplo dos restos de Narciso, "que transformaram-se numa flor amarela – alaranjada, cujo coração é rodeado de pétalas brancas e é chamado pelas ninfas com o nome de Narciso".

CONCLUSÃO

O estudo do narcisismo pode nos ajudar a entender os problemas das relações pessoais e interpessoais do cotidiano da pós-modernidade. Ele se encaixa, também, no entendimento do processo da mais forte forma de comunicação atual, no caso, o telejornalismo.

O processo narcísico passa a estabelecer, de acordo com as teorias e termos usados na psicanálise, seus conceitos no tortuoso percurso da informação, visto as diversas interferências. Podemos ver que todos acabam se interligando, direta ou indiretamente: o poder por delegação, a importância da aparência, da estética, da mediação, com responsabilidade individual, e da cristalização do eu por meio do trabalho.

Entendemos que o narcisismo não é somente a lenda de Narciso, em que o amor por si mesmo é fundamental para achar a beleza do eu, mas ele serve para entendermos o que se passa na formação da nossa psique, na estruturação do eu. Deixamos claro, mais uma vez, que o narcisismo é comum em todos os seres humanos, mas em certos contextos, como as sociais, é mais comumente e fácil de encontrar, no caso estudado, por exemplo, nas personagens da mídia televisiva.

Vimos que a idealização, num narcisismo identificado no caso, é ligada à perfeição, podendo ser concretizada com um certo poder adquirido. Após este passo, o ego narcisista é alimentado, trazendo a satisfação do triunfo. É a satisfação de que se precisa nos dias de hoje, ditado pelo sistema em que vivemos.

Quando nos deparamos na afirmação do autor Guilherme Jorge de Rezende, de que o telejornalismo não está cumprindo “satisfatoriamente” a missão delegada a ela, o alerta vai além do que é proposto no estudo. Devemos identificar os problemas e tentar, por fim, solucioná-los ou minimizá-los. A forma como são conduzidos alguns telejornais atuais, em que o apresentador – ou outros atrás dos bastidores – tem o poder irrestrito, seguindo a própria “consciência”, pode deixar em dúvida o valor jornalístico das informações. Ou seja, o telejornalismo está cumprindo o seu dever?

Já do lado da mediação, devemos compreender como o narcisismo pode influir na significação das informações, com o uso dos gestos e do discurso, com a vulnerabilidade diante do poder e do próprio poder de persuadir as “consciências passíveis” do público.

Relacionamos também os atributos estéticos com a procura da perfeição – narcisista –, que tem como objetivo um jornalismo mais atrativo, informal e livre, para quem está confeccionando e apresentando. Em seguida a mobilidade, fazendo com que a informação seja parte da apresentadora, que por sua vez tenta fixá-lo, como numa cristalização da linguagem.

Todos estas observações nos revelam que o jornalismo tende a ser discutido também fora das linhas das técnicas convencionais de se fazer o jornalismo, levando cada vez mais em conta as várias transformações vistas no estudo constante da mídia. Questões que refletem no caso da credibilidade, da aparência – trabalhada abusivamente –, nas intervenções e nas transmissões da notícia.

Podemos então observar que a discussão também não termina somente no campo da interferência pessoal no processo de elaboração e apresentação da informação. Quanto mais as identidades passam a ser moldadas pela mídia, e, também, no encorajamento à performance, como a performance sem consequência, mais é importante debater para compreender melhor este processo. O jornalismo não pode delimitar esta discussão, pois o processo de recepção também é de interesse do mesmo, já que o seu dever é manter a sociedade informada, devendo se preocupar de *como* está informando.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

1. Ovide. Les Metamorphoses. Trad. Joseph Chamonard. Paris: Éditions Garnier Frères, 1953.
2. Green, Andre. Narcisimo de vida, narcisismo de morte. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.
3. Freud, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV (1914-1916). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
4. Freud, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX (1923-1925). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
5. Kohut, Heinz. Psicologia do self e a cultura humana. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1977/1988.
6. Kohut, Heinz. Self e narcisismo. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
7. Roudinesco, Elizabeth; Plon, Michel. Dicionário de psicanálise. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
8. Sodré, Muniz. Televisão e Psicanálise. São Paulo: Ática, 2000.
9. Motta, Luiz Gonzaga Motta. Imprensa e Poder. Brasília: UnB, 2002.
10. Rezende, Guilherme Jorge Rezende. Telejornalismo no Brasil. São Paulo: Summus, 2000.
11. Acosta-Orjuela, Guillermo Maurício. 15 motivos para ficar de olho na televisão. Campinas: Alínea, 1999.
12. Silverstone, Roger. Por que estudar a Mídia? São Paulo: Loyola, 2002.
13. Curado, Olga. A notícia na TV. São Paulo: Alegro, 2002.

14. Brittos, Valério Cruz; Bolaño, César Ricardo Siqueira. Rede Globo – 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.
15. Butler, Judith . Gender Trouble: Feminism and the Subversion of identity. London: Routledge, 1990.
16. Pereira, Regina de Castro Chagas, *Espiral do símbolo: a arte como terapia*. Petrópolis: Vozes, 1976.
17. Gomes, Mayra Rodrigues. Poder no Jornalismo. São Paulo: Hacker, 2003.

ARTIGOS:

1. Canevacci, Massimo. “Quatro mitos para um Narciso só” in IDE – São Paulo, n.21 (Dez., 1991), pp. 92-101.

INTERNET:

1. BRASIL. Folha OnLine. “Ana Paula Padrão critica Globo; Fibe diz que rede foi escola”

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51713.shtml>

Acesso em: 27/04/2006

2. BRASIL. SBT Brasil. “Ana Paula Padrão”

Disponível em:

<http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/ana.asp>

Acesso em: 27/04/2006